

editorial

O ano de 2005 iniciou com a quinta edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, com 100 mil pessoas. Lá prevaleceu um caráter militante e os movimentos sociais, em grandes assembleias, organizaram sua agenda de luta. Ela culminará com ações na Cúpula das Américas, em novembro, e na ministerial da OMC, em dezembro, em Hong Kong.

A grande mobilização no 8 de março em todo país, e com 30 mil participantes em São Paulo, mostrou o protagonismo do movimento de mulheres nessa agenda por mudanças.

Terminamos 2004 com o desafio de rearticular a mobilização pela descriminalização e legalização do aborto. Na passeata na capital paulistana se viu o acúmulo construído ao longo desses anos.

A agenda é extensa: passa também pela luta contra o livre comércio, por mudanças na política econômica brasileira, pelo respeito à livre orientação sexual, pela reforma agrária, valorização do salário mínimo e tantas outras. A jornada também será intensa: a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade seguirá até Burkina Faso, na África, em 17 de outubro, e nossas vozes espalharão por todos os cantos do planeta nessa construção do novo mundo.

As Semprevivas

Joaquim Duarte Neto



Dia Internacional da Mulher: mais de 30 mil mulheres na avenida Paulista

A força do movimento feminista nas ruas e na ação

Por Miriam Nobre

Nosso ano começou no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e bem. Não só porque as atividades de debates organizados pela Marcha Mundial das Mulheres tiveram grande participação. Nem porque nossa ala nas manifestações era das mais animadas. Isto já havia ocorrido nos últimos Fóruns e alguma coisa diferente aconteceu desta vez. Nosso ponto de encontro, na Tenda Ya Basta dos movimentos sociais estava sempre fervilhando. E o Laboratório de Ação Feminista, no Acampamento da Juventude, era ponto de referência para debate entre as jovens, reflexão, organização e desnaturalização do machismo.

Dois processos que se combinam podem ser pensados para começar a explicar a presença marcante das mulheres em Porto Alegre e a força do 8 de março de 2005. Um é o amadurecimento de um processo de alianças construído na Campanha contra a Alca, na Coordenação de Movimentos Sociais, na Rede de Movimentos Sociais. Isto se expressou pela nossa decisão de onde

nos posicionar no Território Fórum: na Tenda Ya Basta!, muito próxima do Acampamento da Juventude. Gerou também uma maior presença organizada das mulheres da Via Campesina, Barrios de Pie e outros movimentos em nossas atividades. Na nossa programação conjunta de assembleias, a primeira e a última foram assembleias gerais que definiram o calendário de lutas dos movimentos para 2005. A campanha internacional da Marcha Mundial das Mulheres é parte dessa agenda da resistência global, ao lado da luta contra a guerra e o livre comércio.

Realizamos nossa própria Assembleia, onde mostramos a amplitude de inserção da Marcha. Viu-se, pelo número de países presentes, pela diversidade dos movimentos envolvidos, que nossa ação se faz por um caminho concreto, que oferece um canal de convergência e expressão para mulheres muito diversas, porém unidas pela experiência de luta permanente. Esse caráter da Marcha se destaca num momento em que muitos

setores estão voltados para atividades direcionadas apenas para o próprio ciclo dos Fóruns Sociais, e se afastam cada vez mais da necessidade de confronto com a ordem global.

Uma nova geração política

Outro processo presente é a ligação da Marcha, de sua agenda, seus temas e suas militantes, com a vida das mulheres. O Acampamento da Juventude é um exemplo. Em uma oficina (que poderia ter se restringido a um momento de debate) surgiu com força o incômodo das jovens com o assédio no Acampamento que as fazia sentir em risco para andar livremente, em especial à noite, ir ao banheiro ou tomar banho. Na oficina elas decidiram sair em passeata até os chuveiros reafirmando que aquele era um território também das mulheres.

O adesivo da Marcha com uma frase circular “mudar a vida das mulheres para mudar o mundo – mudar o mundo para mudar a vida das mulheres”, afirmava que as lutas são conjuntas, ou como dizíamos anos atrás, não há socialismo sem feminismo e vice-versa. Todas, todos queriam levar na camisa essa idéia e até o jornal Folha de S.Paulo identificou “usar adesivo de gênero” como um dos modos de ser do povo do FSM.

A adesão de tantas jovens nos faz retornar à questão: existe uma nova geração política? Esta geração, vivendo um momento de retrocesso na autonomia das mulheres (vide as imposições sobre o corpo, o machismo nas relações inter-pessoais), que reflete também nos movimentos sociais – em especial no movimento estudantil – se identificam com o feminismo. E com este feminismo das ruas. A Marcha, por sua análise do momento atual e avaliação crítica dos retrocessos, inclusive do feminismo, nos anos 1990, permanentemente dialoga com a vida concreta das jovens, que a reconhece como um movimento voltado para suas questões. A Marcha contribui para a construção da cons-



Feminismo atuante e diversidade nas ruas e na ação

ciência crítica e, portanto, como uma situação que exige mudanças, as jovens se identificam com a Marcha por ser um lugar que também é delas.

Estes dois processos também podem nos ajudar a entender as mais de 30 mil mulheres que caminharam da avenida Paulista à Praça da República, no 8 de março, organizadas em quatro alas que combinavam cores e valores da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade e sua tradução em bandeiras de luta da Marcha no Brasil. Eram mulheres de 16 Estados e vários grupos e movimentos setoriais.

Bandeiras diversas

Vieram mulheres de todos os movimentos que participam dos espaços de articulação onde estamos. Parece fácil, porque elas vieram afirmando suas próprias bandeiras: as rurais falavam de reforma agrária, as do movimento de desempregadas falavam de emprego. Mas era a afirmação de uma bandeira no contexto de um programa e uma ação feminista – o que não é vivido sem conflitos e contradições.

Por exemplo, companheiras enfrentaram um bom debate com militantes de seus movimentos por causa de nossa palavra de ordem “João cozinha seu fei-

jão/José cozinha se quiser”. Algumas pessoas entendiam esta chamada como ofensiva e nas reuniões do movimento se falou de trabalho doméstico, de igualdade, de sobre-trabalho das mulheres. Ao final, concluíram que era fundamental o debate político de horizontes e não só o dia-a-dia de demandas e negociações.

Se há uma nova geração política pode-se dizer que ela estava lá e feliz da vida. Uma das razões deve ser a forma como organizamos o ato e nossa postura. Um exemplo é o caminhão de som. De repente vimos várias garotas anarquistas acompanhando o caminhão, o que parece um contra-senso com tudo o que já vimos. Só que era um caminhão vestido de chita florida, várias mulheres se revezaram em pequenas falas e palavras de ordem, e um grupo de meninas de Hip-Hop que cantava coragem e ousadia.

Afirmação do feminismo

As avaliações começam a ser feitas e, é claro, apontam falhas na organização, falas que não foram contempladas. No entanto, o mais forte é o significado político do ato: a politização das grandes manifestações e da data do 8 de março, resgatando-a de uma apropriação mercantilista e a afirmação do feminismo: pudemos falar em alto e bom som “sou feminista”.

A diversidade do público presente é reflexo da nossa inserção e do trabalho invisível de mobilização realizado por tantas mulheres. Estes significados foram reafirmados no dia 12 de março, quando cerca de três mil mulheres, camponesas, professoras, jovens passaram a Carta e o início da colcha para as argentinas, em Porto Xavier (RS).

Os desafios que estão postos para a coordenação e ativistas da Marcha são o de continuar crescendo, reinventando formas organizativas e construindo outro feminismo, enraizado na luta popular – que decodifica o cotidiano da opressão, desafiando as mulheres para a luta coletiva rumo à construção de uma sociedade sem machismo e sem as regras do mercado e do capital.

A luta pela despenalização do aborto em Portugal

Por Almerinda Bento

A revolução do 25 de Abril iniciou um longo caminho de conquistas sociais e políticas anteriormente negadas pelo regime ditatorial vigente em Portugal durante 48 anos. Após três décadas, a luta pela despenalização do aborto continua a ser uma bandeira de luta das mulheres portuguesas e de todos os que aspiram à modernidade e a democracia.

O “direito ao aborto livre e gratuito e campanha de educação sexual” foi reivindicado em 1974. Em 1979 aconteceu o julgamento e absolvição da jornalista Maria Antónia Palla pela realização de uma reportagem sobre o aborto num programa televisivo de 1976. No mesmo ano, uma jovem alentejana, Conceição Massano, foi acusada por ter praticado aborto e absolvida. Em todos estes processos, movimentos de mulheres, cidadãs e cidadãos manifestaram seu repúdio pelas perseguições, influenciando o desenrolar dos casos. Em 1980 foi entregue pela primeira vez na Assembléia da República um projeto de lei sobre a legalização do aborto.

Aborto clandestino

Em 1982, três projetos de lei foram apresentados sobre maternidade, planejamento familiar e educação sexual e despenalização do aborto. O projeto do aborto não passou por 127 votos contra e 105 a favor. Em 1984 foi aprovado projeto muito limitado e que manteve o aborto clandestino. O processo legislativo foi interrompido por um acordo entre o Partido Socialista e o Partido Social Democrata para realizar um referendo. Foi o primeiro referendo em Portugal, marcado por uma campanha na qual a Igreja assumiu papel de grande agressividade, manipulando, aterrorizando e confundindo a população. Com 68% de abstenções, o NÃO alcançou 51% dos votos contra 49% para o SIM. E até hoje este resultado tem impedido avanços.

Portugal é o único país da Europa no qual mulheres são julgadas por aborta-



Anderson Barbosa

Direito ao aborto é bandeira de luta da Marcha Mundial das Mulheres em diversos países

rem e aparece na imprensa de todo o mundo em função desses mega processos que levam ao tribunal mulheres nesta situação. Os processos da Maia (17 mulheres), o de Aveiro (17 pessoas entre companheiros, pais de uma jovem e um motorista, para além das jovens que abortaram) e atualmente o de Setúbal (2 mulheres) têm levado à rua a indignação cidadã e têm erguido a reivindicação da necessidade de mudança da lei. Estes processos têm ajudado a aumentar na sociedade a compreensão de que sem luta, sem participação, as mulheres continuarão a ser enxovalhadas nesta exposição inquisitória sobre as suas escolhas no campo da sua sexualidade e do seu percurso de vida.

O ano de 2004 foi marcado por um movimento de opinião muito amplo, no qual um conjunto de cidadãs e cidadãos pró-escolha se apresentaram como primeiros subscritores de uma petição, para a realização de um novo referendo sobre o aborto, que recolheu mais de 120 mil assinaturas em todo o país. O governo de coligação de direita, que então tinha maioria na Assembléia, recusou essa consulta popular, invocando o fato de terem feito um acordo pré-eleitoral que os impedia de mexer na lei do aborto até ao fim da legislatura, em 2006.

Novo referendo

Hoje, após a vitória do PS com maioria absoluta, está recolocada a questão. O Bloco de Esquerda, na noite das eleições, em 20 de fevereiro, declarou que iria apresentar de imediato um projeto de resolução para a realização de um referendo. Independentemente da realização do referendo ou do resultado dessa consulta, sabemos que será uma luta que não vai parar mesmo que os resultados sejam favoráveis à despenalização e à descriminalização. Teremos depois que lutar pela aplicação da lei, pela organização dos serviços de modo que o direito à escolha seja respeitado. Estamos atentas ao que se passa no mundo, às pressões e aos retrocessos que os setores mais retrógrados, ditos “pró-vida”, querem impor. Sabemos que a administração Bush e os líderes religiosos fanáticos em várias regiões do mundo têm feito valer a sua lei, através do corte de programas de educação e planejamento familiar em países do mundo onde grassa o HIV. Por tudo isto, sabemos que a luta vai continuar.

Almerinda Bento é da Coordenação da Marcha Mundial das Mulheres em Portugal e da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

Programa *Ensaio* com Elis Regina sai em DVD

A TV Cultura, a gravadora Trama e a TeleImage se uniram para restaurar o acervo de um dos mais importantes programas da televisão brasileira, o *Ensaio*, e lançaram o *DVD Ensaio com Elis Regina*, em registro em preto-e-branco, gravado em 1973. Este é o primeiro DVD de uma série de 10 que será lançada. Trata-se de um rico registro do acervo da TV Cultura nos últimos 35 anos. O material revitalizado será transformado em DVDs, permitindo aos admiradores da MPB terem a sua disposição registros clássicos de nomes como Tom Jobim, Pixinguinha, Paulinho da Viola, Baden Powell e outros.

No ar desde a década de 1970 na TV Cultura, o *Ensaio* resgata a memória viva da Música Popular Brasileira por meio de depoimentos de compositores e intérpretes, responsáveis pelo que há

de melhor na produção nacional. Tanto o programa, quanto a série MPB Especial, foram criadas por Fernando Faro em 1969, na TV Tupi. Atualmente, *Ensaio* é exibido aos domingos, sempre às 23 horas.

Cada edição é um misto de musical e entrevista, realizada numa linguagem intimista, marca registrada de Faro. O artista convidado canta, fala sobre seu trabalho, conta sua vida e relembra casos de sua história pessoal. O arquivo do programa é hoje um acervo musical e histórico único, que conta com informações preciosas sobre os maiores músicos do país. As mais diferentes tendências e gêneros da música brasileira de qualidade estão registradas nestas conversas musicais, que passeiam pelo samba, bossa nova, tropicalia, jovem guarda e música de raiz.

o que rola

Não à tirania do livre mercado

A Semana de Ação Mundial acontecerá de 10 a 16 de abril de 2005. O maior número possível de campanhas que combatem o livre comércio e o neoliberalismo organizarão ações ao mesmo tempo. As organizações, redes e movimentos realizarão ação coordenada por meio de campanhas nacionais e regionais. O objetivo é desafiar o mito do livre comércio e apresentar alternativas realizando uma grande mobilização.

Durante os últimos 20 anos, os ricos e poderosos têm imposto a idéia de que somente o livre comércio e a privatização podem resolver a pobreza. No entanto, milhões de pessoas continuam submetidas à pobreza e, mais que qualquer outra coisa, são as instituições, condições e regras do comércio internacional que mantêm os povos na pobreza. Durante anos, os países ricos e as instituições internacionais que eles controlam, como a OMC, o FMI e o Banco Mundial, têm, discretamente, forçado os países pobres a seguir seus "conselhos". Por meio de uma mistura de persuasão, ameaças e condicionamentos aos empréstimos e à ajuda de cooperação, os países são forçados a abrir seus mercados à concorrência estrangeira, parar de ajudar seus produtores desprotegidos e privatizar os serviços essenciais.

Os países ricos frequentemente defendem o livre comércio. Mas tendem a só seguir seus próprios conselhos quando têm certeza que isso vai beneficiá-los. Enquanto eles exigem que os países pobres eliminem todas as barreiras comerciais e privatizem seus serviços básicos, os países ricos continuam a subsidiar e proteger suas próprias indústrias e agricultores.

Fonte: <http://www.april2005.org>

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Christian Aid.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: SB Editora
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP
 Tel/fax: 3819-3876
 Correio Eletrônico: sof@sof.org.br
 Página na internet:
<http://www.sof.org.br>

próximos números

- MULHERES CONTRA O LIVRE MERCADO
- VIAGEM DA CARTA DAS MULHERES PARA A HUMANIDADE